

---

# O processo de (re)construção da teoria do conceito no domínio de Organização do Conhecimento: uma visão dialógica

*El proceso de (re)construcción de la teoría del concepto en el ámbito de la organización del conocimiento: una visión dialógica*

*The process of (re)construction of the theory of concept in the Knowledge Organization domain: a dialogical vision*

---

**Aline Elis ARBOIT**

Faculdade de Filosofia e Ciência, Universidade Estadual Paulista, Marília,  
Avenida Hygino Muzzi Filho, 737, Marília, São Paulo, Brasil, CEP 17525-900, alinearboit@marilia.unesp.br

## Resumen

La búsqueda de una interpretación dialógica de la teoría del concepto es el propósito de este trabajo. emplea el concepto de dialogismo propuesto por Bakhtin, que se refiere a la interacción que ocurre entre los actores sociales en el proceso de (re)construcción del lenguaje. A partir del análisis de los textos sobre la teoría concepto elaborados por Dahlberg, Hjørland, Tennis, Tennis y Sutton, se busca identificar los aspectos convergentes, divergentes y complementares en relación con los conceptos defendidos por los autores. El análisis reveló que a pesar de que estos conceptos se han construido de forma individual, son reflejos de las corrientes de pensamiento y de los distintos momentos históricos que han influido en el pensamiento de cada autor. Se puede argumentar por tanto, que los conceptos propuestos se desarrollaron a partir del diálogo con otros autores y también entre ellos mismos.

**Palabras clave:** Conceptos. Teoría. Organización del Conocimiento. Dialogismo.

## Abstract

The search for a dialogical interpretation on the concept theory is the purpose of this paper. It uses the concept of dialogism, proposed by Bakhtin, which refers to the interaction occurring among the social actors in the process of (re)construction of language. Starting from the analysis of texts on concept theory authored by Dahlberg, Hjørland, Tennis and Tennis and Sutton, the convergent, divergent and complementary aspects related to the concepts advocated by the authors are discussed. The analysis revealed that, although these concepts have been built individually, they are reflections of distinct currents of thought and of the historical moments that have influenced each author's ideas. It can be argued, therefore, that the studied concepts were developed on dialogue with other authors and among themselves.

**Keywords:** Concept. Theory. Knowledge organization. Dialogism.

## 1. Introdução

No decorrer do processo de construção das bases epistemológicas, teóricas e metodológicas do domínio de Organização do Conhecimento (OC), ficaram registradas nas publicações as manifestações de autores que têm se debruçado para concretizar tal objetivo. Com efeito, pode-se afirmar que hoje é possível identificar dentro do domínio algumas perspectivas teóricas que, embora divergentes em alguns aspectos, se complementam, reforçando e aumentando as estruturas conceituais que sustentam a OC enquanto campo de conhecimento.

A Teoria do Conceito, nesse contexto, tem sido tema de estudo de autores considerados como referência no domínio de OC, como Dahlberg, Hjørland, Tennis e Sutton. A partir da análise da contribuição desses autores sobre esta temática

específica, pretende-se elucidar aspectos relacionados à constituição da OC enquanto domínio do saber. Para tanto, recorreu-se ao entendimento de Bakhtin sobre a produção de conhecimento como resultado concreto de um processo dialógico. O diálogo, para o autor, se trata de um processo contínuo de criação e recriação, no qual as atmosferas social e cultural e as posturas ideológicas são determinantes. Considera-se, portanto, que nos discursos e na linguagem ficam registradas as influências contextuais predominantes, dadas conforme o consenso coletivo. O conceito de ideologia não pode ser ignorado quando se trata de OC, uma vez que o conceito, o conhecimento registrado, suas relações semânticas e os usos decorrentes são considerados resultantes desse processo dialógico.

Assim, parte-se de uma análise conjunta dos

textos dos autores citados que se referem à Teoria de Conceitos. Adota-se como enfoque teórico metodológico a perspectiva bakhtiniana, principalmente ao tentar compreender, de modo não isolado, os discursos expressos por, respectivamente, Dahlberg, Hjørland, Tennis e Sutton acerca do conceito enquanto entidade teórica do domínio de OC.

## 2. Teoria do Conceito de Dahlberg

Considerada teórica precursora do campo, Dahlberg tem sido lembrada pelos pesquisadores de OC como responsável pela sua fundação enquanto domínio científico. Além da ativa participação no processo de institucionalização do domínio, Dahlberg (1978a, 1978b, 1993, 1995, 2006, 2008) buscou construir uma base teórica para OC a partir das ideias defendidas em sua tese sobre a Teoria de Conceitos.

Os embates ocorridos no ambiente da antiga *Society for Classification* são vistos como determinantes na fundação da ISKO e, por conseguinte, no desenvolvimento de uma base epistemológica para a disciplina de OC calcada na Teoria de Conceitos. Dahlberg (1995, 2008) deixa claro em seu texto que divergências entre os pesquisadores do grupo que formavam a antiga sociedade, sobretudo em relação a uma postura dominante voltada para uma visão essencialmente matemática da classificação, foram decisivos na formação das suas concepções. A autora procurou adotar uma postura orientada para questões conceituais aplicadas à classificação e demais sistemas de OC.

A classificação bibliográfica e os demais sistemas de organização da informação e conhecimento são considerados pela autora modalidades de sistemas de conceitos. Deste modo, a classificação deve sempre sistematizar representações de conceitos que, por sua vez, são constituídos por objetos, seus predicados e termo que enuncie de forma precisa a relação de tais elementos que o compõem. O conceito, portanto, é visto por Dahlberg (1978a, 1978b), como unidade básica de pensamento composta por uma síntese de características verdadeiras e necessárias para a determinação de um dado objeto. O conceito é formado pela soma de três elementos: o objeto em si, os predicados inerentes ao objeto e o termo pelo qual se designa este objeto. Estes elementos em conjunto formam um conceito de dado objeto que, levando em conta o agrupamento das suas características, determina a identidade desde objeto mediante a diferenciação em relação aos

demais. A partir da distinção do objeto e levantamento das suas características, faz-se também necessária a criação de uma palavra ou rótulo que o nomeie de forma mais fidedigna possível, para ser comunicado aos demais por meio da linguagem (Dahlberg, 1978a, p. 18).

Para a autora, um conceito deve ser atribuído univocamente a um dado objeto, de acordo com o conjunto de suas características, não sendo possível, com efeito, a criação de conceitos que expliquem de maneira efetiva mais de um objeto. Tratando-se de um objeto específico, segundo Dahlberg (1995), para chegar à individualização do conceito, devem-se elencar tantas quantas características necessárias, considerando o aumento da intenção e redução da extensão.

No processo de construção conceitual de dado objeto, Dahlberg (1995) argumenta a favor da necessidade de buscar na Filosofia da Ciência subsídios para analisar cada campo de acordo com seus objetos de estudo, suas características, relações, finalidades e atividades exercidas a partir disso. Assim, no momento da construção de sistemas de conceito ou sistemas de OC, a sequência de organização das partes deve obedecer a uma relação funcional, respeitando a lógica dos enunciados de determinado campo. Ressalta, assim, a importância da análise prévia do contexto em que o referido objeto de estudo encontra-se inserido. Pode-se afirmar, deste modo, que Dahlberg deixa o terreno fecundo para o desenvolvimento da teoria de Análise de Domínio, proposta por Hjørland.

Por conseguinte, Dahlberg (1978a, 1978b) considera que, além de representar os próprios conceitos, as classificações e demais sistemas de OC também representam as relações estabelecidas entre os conceitos. Estas relações, de acordo com a autora, podem ser genéricas ou hierárquicas, partitivas ou oriundas de parte de um dado objeto, de oposição ou funcionais; esta última, como consequência de determinados conceitos, sobretudo aqueles relativos ao processo. A autora também estabelece espécies de conceitos formulando as seguintes categorias: objetos, propriedades, processos, fenômenos, modos de ser, relações, dimensões, e, por fim, admite a combinação de algumas destas espécies formando novas modalidades de conceitos.

Seguindo a argumentação, a teórica prossegue explicando que a criação de sistemas de conceitos deve ser realizada, tendo em vista a obediência a parâmetros objetivos e coerentes com suas finalidades. Isto é, para Dahlberg, um sistema de conceitos ou um sistema

classificatório deve ter regras claras e bem definidas de ordenação dos elementos e categorias, seguindo rigorosamente a uma estrutura formal predeterminada. Além disso, tais sistemas conceituais devem possibilitar o entendimento acerca da formação, compreensão, conhecimento das características e relações dos conceitos por eles sistematizados.

Evocando a sua Teoria de Conceitos, Dahlberg (1993) define a OC como a ciência que se dedica ao estabelecimento de estruturas e arranjos sistemáticos de unidades do conhecimento (conceitos) de acordo com suas características particulares e à aplicação de conceitos e classes de conceitos ordenadas de modo a representar o conteúdo do seu objeto ou assunto de referência, cobrindo todos seus tipos. Assim, para Dahlberg (1995) a preocupação da OC, enquanto área de estudo, é responder questões sobre a maneira pela qual as unidades do conhecimento são formadas e organizadas, dentro de dado contexto.

### **3. Teoria do Conceito, segundo Hjørland**

A existência de uma variedade de “Teorias do Conceito”, e a falta de consenso entre elas, é evidenciada por Hjørland em 2009. Partindo deste ponto, o autor busca mapear e classificar essas teorias. Esclarece em seu texto que o conceito não é tratado exclusivamente pela CI ou OC, mas que desde a antiguidade clássica é objeto de estudo de vários campos do saber, sobretudo da Filosofia. Apesar de o conceito ter sido estudado por filósofos gregos e outros pensadores modernos, Hjørland se atem às “Teorias do Conceito” decorrentes de linhas de pensamento pós-kuhnianas que, segundo ele, têm trazido mais contribuições para o campo específico da CI.

Hjørland (2009), adotando uma postura declaradamente pragmática, categoriza essas correntes em quatro famílias epistêmicas: empirismo, racionalismo, historicismo e pragmatismo. Segundo o autor, o empirismo considera que o conhecimento é gerado mediante observação, e esta não depende de variáveis contextuais, uma vez que está dada. Em relação ao conceito, esta corrente defende que ele é formado durante o processo de aprendizagem baseado em relações feitas sempre por meio de observação de semelhança entre objetos por meio de convenções adquiridas ou assimiladas entre objeto e palavras. Para o racionalismo, o conhecimento é construído a partir de uma base lógica, de princípios, de regras e de modelos previamente definidos. Diverge, portanto, do empirismo por

este se basear somente na experiência dos sentidos. A realidade deve aqui ser interpretada por meio de conceitos lógicos e categorias. O conceito, portanto, é formado antes da experiência, por meio das estruturas lógico-cognitivas. Por conseguinte, conceitos complexos são constituídos pela combinação de conceitos simples. De acordo com o autor, o empirismo e o racionalismo têm em comum o fato de não considerar a influência dos contextos social, cultural e histórico na produção dos conceitos (Hjørland, 2009, p. 1523-1525).

Por outro lado, para as visões historicistas e pragmatistas o contexto é considerado determinante na formação de conceitos. Para o historicismo, o conhecimento é produzido com base no entendimento das observações, levando-se sempre em consideração contexto social e o desenvolvimento histórico. Os conceitos, dentro desta ótica, são socialmente e culturalmente desenvolvidos, ou seja, o aprendizado do conceito se dá pelas experiências historicamente acumuladas e comunicadas pela humanidade sobre um determinado objeto e suas funções. O pragmatismo, no entanto, defende a criação de conhecimento a partir de objetivos definidos, propostas, valores e metas. Esta corrente difere da anterior quanto à necessidade de explicitar os fins da investigação e da produção de conhecimento. Ademais, assim como o historicismo, o pragmatismo se opõe pela busca ideal da verdade científica e concebe a natureza não neutra do conhecimento. Ele entende os conceitos como forma de agrupar peças da realidade no pensamento, linguagem e outros sistemas simbólicos. Estas peças, conforme Hjørland, não são agrupadas por similaridade como no empirismo, nem por divisão lógica como no racionalismo, nem por genealogia como no historicismo, mas sim pelo que é considerado funcional em determinado contexto (Hjørland, 2009, p. 1525-1527).

Ao trazer a discussão para o âmbito da CI, Hjørland (2009) defende o enfoque relacionado às perspectivas historicista e pragmatista, que estão alinhadas com a concepção a qual os conceitos devem ser vistos como significados socialmente negociados e que o estudo não deve estar centrado no conceito em si mesmo, mas nas relações semânticas decorrentes dele. O conceito deve ser compreendido enquanto suas relações de significados e associações inseridas em um determinado contexto social e histórico. No entanto, salienta o autor que as “Teorias de Conceito” desenvolvidas até então pelos pesquisadores da CI e OC são mais influenciadas pelos pensamentos empirista e racionalista.

Divergindo de Hjørland, Dahlberg considera o conhecimento e o conceito como entidades abstratas construídas individualmente. Deste modo, pode-se dizer que a Teoria de Conceitos postulada pela autora é mais compatível com os pensamentos ligados ao empirismo e o racionalismo. É possível perceber uma perspectiva altamente racionalista no discurso de Dahlberg quando esta autora defende que a construção de sistemas de OC deve ser baseada em princípios que respeitem a sequência e a lógica dos enunciados representados. Também, observa-se uma postura empirista quando a autora menciona que os conceitos são formados pelo agrupamento de características comuns **observáveis** em determinado objeto ou fenômeno. Todavia, Dahlberg reconhece que as estruturas dos sistemas e seus princípios de organização devem ser formulados de acordo com o contexto de uso. Com efeito, verifica-se que Dahlberg considera a influência do contexto social nos processos de organização e representação dos conceitos, mas não no processo de formação deles.

No tocante à OC, sobretudo em relação aos processos de criação e avaliação de sistemas de OC, estes devem ser considerados antes de tudo sistemas de organização de conceitos. Tanto para Hjørland (2009) como para Dahlberg, é neste ponto que a teoria de OC se liga à teoria de conceitos. No entanto, além de sistematizar e representar conceitos em um dado sistema, para Hjørland (2009), o objetivo da CI e da OC é fazer com que o usuário seja capaz de ter acesso a diferentes conceitos segundo suas próprias concepções. É a partir deste argumento que o autor defende a relevância da análise de domínio no projeto de sistemas de OC.

Em seu discurso, Hjørland (2009) demonstra insatisfação e preocupação diante da ausência de propostas que resolvam o problema da OC. Assim, é possível dizer que, ao autor, evidenciar esta fragilidade presente no domínio, além de mapear abordagens epistemológicas que podem ser empregadas em construções teóricas, constitui-se em uma das principais contribuições que Hjørland oferece neste trabalho.

#### 4. Instâncias conceituais de Tennis e Sutton

Adotando uma postura aplicada a questões práticas relacionadas à modelagem de sistemas de OC, Tennis propõe em 2007 e 2008, em coautoria com Sutton, a previsão de estruturas que permitam registrar de forma organizada as mudanças conceituais ocorridas no decorrer do tempo atreladas à classificação e à indexação.

Para tanto, os autores buscam aporte epistêmico no neopragmatismo de Richard Rorty, corrente que defende que o conhecimento, que é socialmente construído, e que, portanto, deve ser organizado e representado de forma objetiva por meio de estruturas que lidem de maneira efetiva com o mundo social.

Levando em consideração as mudanças conceituais ocorridas no processo de construção e reconstrução dos conceitos, Tennis e Sutton (2008) sugerem o conceito de instâncias conceituais como alternativa para representar as variadas manifestações que um conceito abstrato pode ter no decorrer do tempo. Para os autores, os sistemas de OC devem contar com metadados que possibilitem o registro destas instâncias conceituais, que são, por sua vez, manifestações sociais concretas do conceito abstrato de determinado objeto ou fenômeno. Como os conceitos são socialmente criados e revistos, os sistemas devem prever também as mudanças destes conceitos, permitindo o registro de quantas instâncias conceituais forem necessárias. Com efeito, as instâncias conceituais assumem o papel de entidade mediadora entre o mundo abstrato e o mundo concreto.

Apesar de tratarem o conceito como uma entidade abstrata, Tennis e Sutton (2008) destacam que ele é gerado e revisto socialmente. Por conseguinte, o que deve ser representado são as manifestações concretas deste conceito e não o conceito em si, ou seja, as instâncias conceituais, que por sua vez, são múltiplas e variáveis acompanhando o desenrolar do entendimento da sociedade sobre os conceitos.

Além da multiplicidade de manifestações que um conceito pode ter, os autores ressaltam a questão das transformações conceituais que ocorrem no decorrer do tempo. Com efeito, os sistemas de OC devem ser projetados de modo a comportar o registro das instâncias conceituais construídas pelo entendimento da coletividade acerca do conceito ao longo da história. Deste modo, os sistemas organizariam e representariam os conceitos e suas manifestações de forma genealógica. É possível observar que, sob este aspecto, Tennis (2007) e Tennis e Sutton (2008b) propõem uma alternativa para organização de conceitos seguindo linha majoritariamente historicista, conforme descrição de Hjørland (2009).

Entretanto, ao defender que os sistemas de OC devem ser projetados para atender demandas socialmente definidas, os autores mostram o caráter pragmático da sua contribuição. Esta percepção é reforçada ao observar em seus textos a proposição de modelos representativos

elaborados para complementar de modo concreto padrões de metadados já existentes. Em 2007, Tennis sugere modelos de registro de versões para acompanhar as atualizações das classificações, utilizando o exemplo específico da Classificação Decimal de Dewey, tendo em vista o dinamismo da websemântica. Já em 2008, ele e Sutton propõem modelos para acompanhar as atualizações dos conceitos por meio do registro de instâncias conceituais no ambiente de vocabulários controlados. Nos dois textos, os modelos são propostos com base na avaliação do padrão de metadados *Dublin Core*. Tais modelos são sugeridos pelos autores para sanar omissões do padrão quanto a estruturas que permitam acompanhar a natureza dinâmica dos conceitos e suas relações, e o reflexo deste processo tanto na linguagem das notações classificatórias como na linguagem dos termos que constituem os vocabulários controlados.

Pode-se dizer que Tennis considera a Teoria de Conceitos de Dahlberg para caracterizar o conceito como entidade representativa do mundo abstrato. No entanto, o autor, assim como Hjørland, acredita que o conceito é construído, modificado e reconstruído socialmente. Tanto Tennis como Hjørland defendem a Análise de Domínio como uma teoria aplicável na construção de sistemas conceituais. As atividades inerentes à organização e representação destes conceitos devem, portanto, acompanhar estas transformações para atender de forma mais fidedigna possível a demanda social por conhecimento que é, por sua vez, sempre fruto de um determinado contexto social e/ou histórico. Além disso, buscando sustentação epistemológica no neopragmatismo de Rorty, Tennis e Sutton criam uma teoria, o conceito de instância conceitual, e demonstram metodologicamente como o conceito proposto deve ser aplicado na construção de sistemas de OC.

## 5. Considerações finais

Considera-se que a discussão apresentada pode elucidar diversos aspectos inerentes a uma visão fluída e dialógica no processo de construção do conhecimento no domínio da OC. A análise das concepções propostas pelos autores estudados revela que cada qual representa anseios teóricos e proposições para resolução de problemas que são aqui interpretados como frutos de enfoques epistêmicos adotados por cada autor. Estas escolhas individuais não se deram de forma isolada; elas demonstram a influência determinante de correntes de pensamento e momentos históricos distintos na construção das concepções de cada autor. Em outras palavras, entende-se que os conceitos pro-

postos foram elaborados com base no diálogo destes autores com outros e também entre si.

O processo de institucionalização do domínio científico da OC, deste modo, é visto como consequência dos diálogos que tem ocorrido por meio dos eventos e demais publicações entre os pesquisadores, principalmente dentro da ISKO, entidade considerada mais representativa de acordo com o consenso coletivo estabelecido dentro do domínio.

O conhecimento registrado, a linguagem e o diálogo são vistos como um conjunto de elementos que interagem entre si, acompanhando mudanças ocorridas na esfera social. Isso pode ser observado via análise e interpretação das ideias em relação à Teoria do Conceito expostas pelos autores citados. Tal constatação reforça a necessidade de se empregar continuamente uma visão orientada para aspectos relativos aos processos de formação, transformação e (re) caracterização das instâncias conceituais, respeitando princípios e concepções já aceitos no domínio da OC. Entende-se, assim, que a leitura e a interpretação de conceitos como dialogismo, polifonia e carnavalização propostos por Bakhtin podem ser úteis no que diz respeito ao aprofundamento do estudo sobre os processos de construção das instâncias conceituais. O dialogismo, como empregado aqui, pressupõe a interação e a troca de ideias como base para (re) construção do conhecimento e, por extensão a revisão de linguagens cotidianas e documentárias. A polifonia se refere às múltiplas vozes que compõem um termo, e, portanto, o conhecimento, ainda que este tenha uma autoria definida; ou seja, este processo considera as influências contextuais como participantes no processo de construção do conhecimento que podem ser visualizadas, principalmente por meio de análises dos intertextos. Estes podem ser considerados indicadores da materialização do processo dialógico que ocorrem entre os sujeitos. E, por fim, a carnavalização, que se relaciona à reapropriação de termos como símbolos de uma ideia pelo sujeito, inclusive para atribuição de novos sentidos, absorvendo assim influências resultantes da sua interação com o contexto.

## Referências

- Bakhtin, M. (Volochinov) (2004). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Hucitec.
- Bufrem, L. S.; Arboit, A. E.; Sorribas, T (2011). *Organização do conhecimento e a teoria do Círculo de Bakhtin*. // Congresso ISKO Capítulo Espanhol, 10, Ferrol, 2011. Preprint.
- Dahlberg, I. (1978a). *Fundamentos teóricos-conceituais da classificação*. // *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 6:1 (Jan.-Jun. 1978) 9-21.

- 
- Dahlberg, I. (1978b). Teoria do conceito. // *Ciência da Informação*. 7:2 (1978b) 101-107.
- Dahlberg, I. (1993). Knowledge organization: its scope and possibilities. // *Knowledge Organization*. 20:4 (1993) 211-222.
- Dahlberg, I. (1995). Current trends in knowledge organization. // Garcia Marco, Francisco Javier. (org.). *Organización del conocimiento em sistemas de información y documentación*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza.
- Dahlberg, I. (2006). Knowledge organization: a new science? // *Knowledge Organization*. 33:1 (2006) 11-19.
- Dahlberg, I. (2008). Feature. Interview with Ingetraut Dahlberg. // *Knowledge Organization*. 35:2/3 (2008), 82-85.
- Hjørland, B. (2009). Concept theory. // *Journal of the American Society for Information Science and Technology*. 60:8 (August 2009) 1519–1536.
- Tennis, J. T. (2007). Scheme versioning in the semantic web. // *Cataloging & Classification Quarterly*. 43:3 (2007) 85-103.
- Tennis, J. T. (2008a). Epistemology, theory and methodology in Knowledge Organization: toward a classification, metatheory, and research framework. // *Knowledge Organization*. 35:2/3 (2008) 160-182.
- Tennis, J. T.; Sutton, S. A. (2008b). Extending the simple knowledge organization system for concept management in vocabulary development applications. // *Journal of the American Society for Information Science and Technology*. 59:1 (2008) 25-37.
- 
- Enviado: 2012-04-16. Versión corregida: 2012-07.09.  
Aceptado: 2012-08-22.
-